

Revisitando *O Aqui* no palco do Teatro Nacional São João, trabalho que tornou notável o trabalho de Ana Rita Barata e Pedro Sena Nunes em 2009, achei curioso como a remontagem actualizou o objecto com tanta vivacidade, como se de uma estreia se tratasse. Há imagens eternizáveis nesse jogo de corpos e cumprimentos de acções que o som e a justa luminosidade desenham, pintam, esculpem, que nos põem no estado de contemplação, sem que isso implique condição passiva — apenas que nos convoca para o tempo de fazer idêntico ao tempo de ver, ao tempo de partilha, construindo um território comum que consubstancia o título da jornada: *O Aqui*. O sem-pressa deste espectáculo é matéria imprescindível à mostragem da excelência dos seus fazedores-intérpretes, que conseguimos ler individualmente ou como parte dos retábulos vivos pictóricos. O material cinematográfico que nos informa num preâmbulo aquático faz-nos submergir para este objecto de dimensão anfíbia, cheio de ar como se de água se tratasse, onde os corpos se movimentam na reconquista de condição líquida, por muito rudes e velosos que sejam os seus movimentos. Objecto exemplar para quem procura uma realização de pleno direito enquanto artista e também enquanto espectador. Conscientes ambos de que a Arte se faz com trabalho, beleza e afectividade igual a reconhecimento pelo que é diverso e comunicante, numa aprendizagem sistemática de atenções. Não se pense que *O Aqui* requer tanta consciência cívica no acto de partilha, ou que se trata de uma obra de cariz militante. Antes atrai com a simplicidade das boas construções, sem nos empurrar a atenção.

Bem hajam por tal criação.

Nuno Carinhas

*1 de Dezembro de 2017*